

Gardenalli vê recessão

Jornal de Brasília • 5

controlada até 91

O País vai viver, neste resto de ano e em 1991, o que o secretário da Fazenda Nacional, Geraldo Gardenalli, chamou de "recessão controlada, qualificada". Este tipo de recessão não é tão traumática para a sociedade porque dá tempo para os agentes econômicos fazerem os ajustes necessários. "Pior seria uma recessão caótica, provocada pela hiperinflação. Isso sim seria uma verdadeira tragédia para o País" — afirmou.

Gardenalli explicou que uma recessão provocada pela hiperinflação desorganizaria todo o setor produtivo, o que o tornaria cada vez mais obsoleto, sem competitividade. As empresas continuariam sem buscar a modernização porque os investimentos não seriam compensadores. O programa de estabilização vai provocar a desaceleração neste e no próximo ano, devido ao rigor dos ajustes fiscal e monetário.

Mas, ao mesmo tempo, o Governo põe em prática a abertura e a modernização da economia. Direciona os recursos disponíveis para a capacitação tecnológica das empresas, o que resultará em mais competitividade, menos custo e preços mais acessíveis.

De acordo com Gardenalli, é necessário se atentar para a qualidade da recessão. Esta que o País vive agora nada mais é do que uma arrumação geral da casa para que a economia possa voltar a crescer em bases sustentadas — o que pressupõe contas internas e externas equilibradas, inflação sob controle e a produção obedecendo novos padrões de competitividade e qualidade.

De acordo com as metas de política econômica anunciadas no dia 13, a queda do Produto Interno Bruto deve ficar, este ano, em 3%, em comparação a 1989. No ano que vem a economia recupera-se desta queda, mas não cresce em comparação com 1989. Esta desaceleração na economia é resultado do fortíssimo ajuste fiscal e monetário implementado pelo Governo para derrubar drasticamente a inflação, já a partir do último trimestre deste ano. Para 1991, o compromisso

do Governo é obter uma taxa não superior a 25%.

Não há registro, na história, de algum país que tenha saído da hiperinflação sem contração da economia". Assim o embaixador extraordinário para a dívida externa, Jório Dauster, justificou ontem a desaceleração que o programa de estabilização, já em vigor, produzirá na economia, durante pelo menos dois anos. O programa tem por objetivo uma inflação superior a 25% no ano que vem. Uma queda drástica, mesmo levando-se em conta apenas as taxas obtidas depois de 15 de março deste ano, sem considerar a hiperinflação do governo Sarney.

Mesmo se for obtida uma inflação média de 7% neste segundo semestre, taxas mensais entre 1,5 e 2% a partir de janeiro, requerem um esforço considerável por parte do Governo e de toda a sociedade. Ao divulgar a carta de intenções, base do acordo que quer firmar com o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Governo sinalizou a desaceleração econômica justificada ontem pelo embaixador Dauster. A expectativa, agora, é de uma queda de 3% no Produto Interno Bruto (PIB) deste ano, em comparação com o ano passado. Para o ano que vem prevê-se apenas a recuperação desta queda. Isso significa que o Brasil chegará ao final de 1991 com um PIB igual, em termos reais (descontada a inflação), ao de 1989. O PIB deste ano está estimado em Cr\$ 33 trilhões.

A meta inicial do governo Colôr era de um crescimento zero para a economia em 1990 e, de dois em 1991. Esta projeção foi anunciada pela ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, durante a divulgação do programa de modernização econômica. Mas precisou ser revista depois de constatadas as dificuldades para baixar, ainda este ano, a inflação do patamar de 10%. A inflação — de acordo com a ministra — resiste neste patamar porque os agentes econômicos insistem na prática da indexação.

Para quebrar a indexação o Governo persiste no controle rígido das políticas fiscal e monetária.

BC quer enxugamento maior

O Banco Central pretende endurecer ainda mais o aperto monetário (quantidade de dinheiro em circulação), para reduzir a inflação às metas acertadas com o Fundo Monetário Internacional. O presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, disse, ontem, que acredita que a inflação cairá, tão logo os agentes econômicos percebam que não haverá um afrouxamento nas políticas fiscal e monetária. E que o Governo está tratando esta questão a sério.

O recado de Eris foi dado durante palestra, pela manhã, no au-

ditório do BC, em solenidade comemorativa aos 23 anos da primeira turma de funcionários concursados, em 1967. Além de reiterar sua confiança na queda dos preços, na medida em que os instrumentos de política monetária demonstrem que são efetivos, o presidente do BC falou também sobre o papel da autoridade monetária da economia. Lembrou que muitas medidas ainda dependem do BC, porque a economia ainda se encontra em fase de estabilização. Pediu a colaboração do funcionalismo no cumprimento dessas exigências.